

1

Introdução

A marca que diferencia os seres humanos dos demais animais é o fato de possuímos uma subjetividade, uma capacidade simbólica, que faz com que as relações interpessoais se dêem de maneira complexa. Desta forma, se entre os animais há um instinto reprodutivo, é somente entre homens que podemos falar em uma vida amorosa propriamente dita, já que os vínculos envolvem afetos, ansiedades, emoções e fantasias.

Ao falarmos em relacionamentos amorosos, devemos levar em conta que diversos fatores culturais, familiares, sociais, políticos, médicos, psicológicos e outros os influenciam diretamente, sendo que podemos observar em diferentes épocas concepções distintas acerca dos conceitos de casamento, família, sexualidade, etc. Da mesma maneira, podemos considerar que em uma única sociedade, temos uma multiplicidade de noções acerca dos aspectos citados, que variam, dentre outras coisas, de acordo com idade e grupo social, sendo de extrema importância a atenção à situação sócio-cultural na qual um indivíduo se insere para uma compreensão mais aprofundada da questão.

Atualmente temos, no mundo ocidental, maneiras diversas de relacionamentos amorosos, que variam desde modelos que podem ser considerados mais tradicionais, como o casamento monogâmico, até outros mais atuais, como relações esporádicas e passageiras, que muitas vezes duram apenas um dia, ou mesmo poucas horas.

O amor como categoria para a escolha de um par conjugal só veio a se tornar uma realidade a partir do fim do século XVIII e início do XIX, com o advento do Romantismo, que trouxe a valorização das paixões e emoções. Nesta época, este sentimento passou a ser considerado uma força poderosa, uma finalidade de vida, sendo a sensibilidade valorizada. No entanto, até que isso se consolidasse, a escolha de parceiros se dava por motivos que em nada envolviam a afinidade afetiva, mas diziam respeito exclusivamente a fatores políticos, econômicos e sociais. O namoro era uma categoria que inexistia, já que os casamentos eram arranjados pelas famílias, e os próprios cônjuges, que muitas vezes sequer haviam tido qualquer contato físico, não possuíam liberdade de escolha.

Aos poucos, o amor e o afeto foram ganhando espaço, e a escolha conjugal passou gradualmente a ocorrer de acordo com a afinidade psicológica, a partir das transformações históricas que se deram principalmente após a Revolução Industrial. Os relacionamentos passaram a se dar por fatores como simpatia e atração física, ainda que o status social permanecesse como um aspecto essencial. As demonstrações de afeto também começaram a se tornar parte importante das relações amorosas, e o chamado flerte, a troca de olhares, sorrisos e gestos, já faziam parte da conquista em meados do século XIX. Era, no entanto, o homem o responsável por seduzir as mulheres, que não deveriam manifestar seu interesse muito rapidamente, para que fossem consideradas moças sérias (Silva, 2002).

Diversas transformações como as duas guerras mundiais, a emancipação feminina, o desenvolvimento dos transportes e meios de comunicação, entre outros, colaboraram para que as relações amorosas sofressem mudanças, e o casamento passou a não ser mais considerado como indissolúvel, havendo novas configurações familiares e novas formas de relacionamentos. Da mesma maneira, o sexo deixou de ter o único objetivo da procriação, da qual desvinculou-se especialmente após o surgimento da pílula anticoncepcional, ganhando um caráter de obtenção de prazer, o que também colaborou para que fosse permitido fora do casamento.

A vida amorosa dos jovens dos tempos atuais é bastante diferente da vivida pelas gerações anteriores, já que há, hoje, uma diversidade de formas de relacionamentos, que envolvem novos padrões. Atualmente adolescentes e mesmo pré-adolescentes já “ficam”, trocando beijos e carícias, categoria que também inexistia, e que representa uma forma de relacionamento muitas vezes incompreensível para os adultos mais velhos. A vida sexual se inicia mais cedo, chegando-se à união conjugal com um maior conhecimento e experiência na área da sexualidade. O sexo é um assunto mencionado mais abertamente do que costumava ser no passado e as primeiras experiências, por vezes, se dão dentro de um contexto de relacionamento amoroso, mas em outros casos ocorrem como curiosidade, como uma forma de obter prazer, independente de um compromisso formal.

Nos tempos atuais, a forma de relacionamento aparentemente mais comum é o “ficar”, sendo que o namoro parece não ser tão comum para os jovens, tendo

um significado diferente do que existia na geração de seus pais, quando havia uma maior valorização do compromisso formal.

A adolescência é um período em que ocorrem diversas mudanças, sendo caracterizada pela perda da condição infantil e gradual aquisição da maturidade esperada na idade adulta. Há, assim, a chamada “crise de identidade”, que consiste em uma fase de um relativo abandono dos referenciais antigos e construção de novos, não mais baseados apenas nas concepções parentais, mas influenciados também pelas novas vivências do indivíduo. Uma das mudanças da adolescência é a física, já que não se tem mais o corpo infantil, que está se tornando adulto e tende a ser definitivo, sendo também uma etapa em que a sexualidade começa a ter um caráter mais evidente. Assim, muitas vezes, as experiências sexualizadas tendem a ocorrer como uma espécie de “teste”, para que o jovem conheça seu próprio corpo e o sexo oposto, experimentando maneiras de se relacionar, na busca de constituir uma identidade.

O presente estudo buscou investigar a adolescência, focalizando as concepções e vivências das relações amorosas de indivíduos neste período do desenvolvimento, pertencentes às chamadas “camadas populares” do Rio de Janeiro, o que se deu através de entrevistas semi-estruturadas, cujos temas incluíam o envolvimento em namoros, relacionamentos esporádicos como “ficar”, manifestações da sexualidade, perspectivas futuras de casamento e formação de família, visando, com isso, estabelecer o papel que estes relacionamentos cumprem na vida dos sujeitos.

A opção por este segmento social se deu pelo fato da maior parte das pesquisas referir-se às camadas média/alta, e pela compreensão de que diferentes realidades sócio-econômicas podem vir a influenciar vivências da adolescência. Além disso, temos um conhecimento menor sobre as classes populares, que geralmente são abordadas para estudos sobre violência, gravidez na adolescência, drogas e outros, sendo reduzida a quantidade de pesquisas sobre a questão das relações amorosas.

Utilizando como referencial teórico básico autores da abordagem psicanalítica, realizamos inicialmente um levantamento bibliográfico sobre a adolescência, dedicando-lhe, para tal, um capítulo. Passamos, então, ao tema das relações amorosas, subdividido em uma revisão de sua evolução através dos tempos, seguida de uma compilação de dados encontrados em pesquisas recentes,

considerações sobre as novas formas de relacionamentos e estudos específicos sobre as classes populares. No capítulo seguinte apresentamos a pesquisa de campo por nós realizada, incluindo os procedimentos utilizados, a análise e a discussão das entrevistas, para, finalmente, tecermos considerações finais, buscando conclusões a partir do que foi estudado.